



Prefeitura de
Fortaleza
Secretaria Municipal de
Desenvolvimento Econômico

AVALIAÇÃO DA COMPETITIVIDADE DE FORTALEZA E O PAPEL DA GESTÃO MUNICIPAL NA SUA POTENCIALIZAÇÃO

RELATÓRIO FINAL

FORTALEZA, JULHO DE 2015

**AVALIAÇÃO DA COMPETITIVIDADE DE FORTALEZA E O PAPEL DA GESTÃO
MUNICIPAL NA SUA POTENCIALIZAÇÃO**

RELATÓRIO FINAL

FORTALEZA 2015

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA (PMF)

Prefeito: **Roberto Cláudio Rodrigues Bezerra**

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (SDE)

Secretário: **Robinson Passos de Castro e Silva**

Secretário Executivo: **César Espíndola Frota**

Coordenador de Projetos e Desenvolvimento Econômico: **Paulo Barbosa**

ASSOCIAÇÃO CEARENSE DE ESTUDOS E PESQUISAS (ACEP)

Diretor Presidente: **Prof. Sérgio Vitorino Bezerra Nogueira**

Vice-Diretora Presidente: **Prof.^a Maria das Graças Arrais de Araújo**

Diretora Administrativo-Financeira: **Prof.^a Joyce Arrais de Araújo**

EQUIPE TÉCNICA

Antonio Lisboa Teles da Rosa (Coordenador)

Bárbara Sampaio de Menezes

Claudio André Gondim Nogueira

Danielle Soares Gonçalves Braga

Juliana Melo da Rosa

Sylvia Cristina Lavor dos Santos

Vânia Odete Abreu de Miranda

Virna Fernandes Távora Rocha

CONSULTORIA TÉCNICA

Sandra Maria dos Santos

FOTOGRAFIAS

Thiago Gaspar

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	21
1 FUNDAMENTOS.....	24
1.1 Das vantagens comparativas às vantagens competitivas.....	25
1.2 Cadeia produtiva e competitividade.....	26
1.3 Competitividade: do enfoque nacional e empresarial para o enfoque urbano.....	31
1.4 Abrangência do trabalho.....	35
2 ANÁLISE MACRO DA COMPETITIVIDADE DE FORTALEZA.....	40
2.1 Procedimentos metodológicos.....	40
2.2 Tratamento dos indicadores.....	53
2.3 Análise dos dados.....	56
2.3.1 <i>Índice de competitividade – macro (IC)</i>	56
2.3.2 <i>Fatores econômicos</i>	62
2.3.3 <i>Fatores sociais</i>	70
2.3.4 <i>Fatores tecnológicos</i>	78
2.3.5 <i>Infraestrutura e investimento público</i>	83
2.3.6 <i>Fatores aglomerativos e serviços às empresas</i>	90
2.3.7 <i>Interações intra e interurbanas</i>	97
2.4 Conclusões.....	105
3 ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE LOCAL DE FORTALEZA.....	103
3.1 Introdução.....	104
3.2 Procedimentos metodológicos.....	105
3.2.1 <i>Fatores de competitividade</i>	107

3.2.1.1 Fatores econômicos.....	107
3.2.1.2 Fatores sociais.....	108
3.2.1.3 Condições dos domicílios.....	109
3.2.1.4 Densidade de mercado.....	111
3.2.2 A padronização dos indicadores que formam o ICL.....	112
3.3 Análise dos resultados.....	116
3.3.1 Resultados para as Regionais – Índice Geral.....	116
3.3.2 Resultados para os bairros – Índice Geral.....	122
3.3.3- Resultados para as Regionais – Fatores Econômicos.....	126
3.3.4 Resultados para os bairros – Fatores Econômicos.....	131
3.3.5 Resultados para as Regionais – Fatores Sociais.....	135
3.3.6 Resultados para os bairros – Fatores Sociais.....	140
3.3.7 Resultados para as Regionais – Condições dos Domicílios.....	144
3.3.8 Resultados para os bairros – Condições dos Domicílios.....	149
3.3.9 Resultados para as Regionais – Densidade de Mercado.....	153
3.3.10 Resultados para os bairros – Densidade de Mercado.....	157
3.4 Conclusão.....	160
4 ANÁLISE MESO DA COMPETITIVIDADE DE FORTALEZA.....	189
4.1 Procedimentos metodológicos.....	190
4.1.1 Desempenho.....	190
4.1.2 Eficiência.....	193
4.2 Análise dos resultados.....	197
4.2.1 Análise agregada.....	197
4.3 Análise dos dados.....	207
4.3.1 Desagregação setorial.....	263

4.4 Conclusão.....	281
5 ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE SETORIAL/LOCAL DE FORTALEZA...	284
5.1 Procedimentos metodológicos.....	284
5.2 Análise dos resultados.....	290
5.2.1 Resultados para todos os setores selecionados.....	290
5.2.2 Resultados para os setores selecionados da cadeia produtiva da Construção civil.....	295
5.2.3 Resultados para os setores selecionados da cadeia produtiva do Turismo.....	301
5.2.4 Resultados para os setores selecionados da cadeia produtiva de Confeccões.....	307
5.2.5 Resultados para os setores selecionados da cadeia produtiva Têxtil.....	312
5.2.6 Resultados para os setores selecionados da cadeia produtiva Metalmeccânica.....	316
5.2.7 Resultados para os setores selecionados da cadeia produtiva da Saúde.....	321
5.2.8 Resultados para os setores selecionados da cadeia produtiva do Ensino Superior.....	325
5.2.9 Resultados para os setores selecionados da cadeia produtiva de Produtos Alimentares.....	330
5.2.10 Resultados para os setores selecionados do aglomerado produtivo de Suporte Empresarial.....	334
5.2.11 Resultados para os setores selecionados do agrupamento de Produtos Diversos.....	339
5.3 Conclusão.....	343
6 PERCEPÇÃO DOS AGENTES LOCAIS SOBRE AS CONDIÇÕES	319

COMPETITIVAS DE FORTALEZA.....	
6.1 Procedimentos metodológicos.....	320
<i>6.1.1 A amostra.....</i>	<i>320</i>
<i>6.1.2 Equipe de entrevistadores.....</i>	<i>322</i>
<i>6.1.3 Levantamento de campo.....</i>	<i>324</i>
<i>6.1.4 Roteiro da entrevista.....</i>	<i>325</i>
6.2 Análise dos resultados.....	327
<i>6.2.1 Sobre a economia local.....</i>	<i>327</i>
<i>6.2.2 Sobre as vantagens e limitações econômicas.....</i>	<i>340</i>
<i>6.2.3 Percepção das condições dos recursos disponíveis.....</i>	<i>363</i>
<i>6.2.4 Sobre a instituições estudadas.....</i>	<i>381</i>
<i>6.2.5 Investimentos em Fortaleza.....</i>	<i>397</i>
<i>6.2.6 Futuro esperado.....</i>	<i>401</i>
6.3 Conclusão.....	407
7 POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES COMPETITIVAS DE FORTALEZA E AÇÕES ESTRATÉGICAS.....	415
7.1 Possibilidades e limitações competitivas de Fortaleza.....	416
<i>7.1.1 Competitividade macro.....</i>	<i>416</i>
<i>7.1.2 Competitividade local.....</i>	<i>420</i>
<i>7.1.3 Competitividade meso.....</i>	<i>424</i>
<i>7.1.4 Competitividade setorial/local.....</i>	<i>426</i>
<i>7.1.5 O ponto de vista dos entrevistados.....</i>	<i>429</i>
7.2 Eixos estratégicos e proposições.....	431
<i>7.2.1 Fortaleza no contexto global.....</i>	<i>431</i>
<i>7.2.2 Proposições.....</i>	<i>434</i>

<i>7.2.2.1 Eixo econômico.....</i>	435
<i>7.2.2.2 Eixo social.....</i>	438
<i>7.2.2.3 Eixo tecnológico.....</i>	441
<i>7.2.2.4 Eixo da infraestrutura.....</i>	443
<i>7.2.2.5 Eixo integração com o ambiente externo.....</i>	444
<i>7.2.2.6 Eixo institucional.....</i>	445
7.3 Conclusão.....	447
REFERÊNCIAS.....	451
APÊNDICES	459
APÊNDICE DO CAPÍTULO 2 (A2)	460
APÊNDICE DO CAPÍTULO 3 (A3)	540
APÊNDICE DO CAPÍTULO 4 (A4)	571
APÊNDICE DO CAPÍTULO 5 (A5)	648
ANEXOS	781
ANEXO 1 – Certificação de revisão	782
ANEXO 2 – Relação de bairros de Fortaleza (CE) por Regional	784
ANEXO 3 - Relação de bairros de Fortaleza (CE) classificados pela RAIS por Regional	786

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1.1 Cadeia produtiva e suas relações com o ambiente interno e externo.....	29
Figura 1.2 Níveis macro, meso e micro de competitividade e sua interdependência.....	35
Figura 2.1 Competitividade urbana e suas dimensões.....	41
Figura 2.2 Fatores econômicos e competitividade urbana.....	42
Figura 2.3 Fatores sociais e competitividade urbana.....	44
Figura 2.4 Fatores tecnológicos e competitividade urbana.....	46
Figura 2.5 Infraestrutura e investimentos públicos na competitividade urbana...	48
Figura 2.6 Fatores aglomerativos e serviços empresariais na competitividade urbana.....	50
Figura 2.7 Interação inter e intraregional na competitividade urbana.....	52
Figura 2.8 Radares (síntese) de Fortaleza, Ceará.....	58
Figura 2.9 Radares (síntese) de Vitória, Espírito Santo.....	59
Figura 2.10 Radares (síntese) de Timon, Maranhão.....	60
Figura 2.11 Radares (fatores econômicos) de Fortaleza, Ceará.....	68
Figura 2.12 Radares (fatores econômicos) de Brasília, Distrito Federal.....	69
Figura 2.13 Radares (fatores econômicos) de Caxias, Maranhão.....	69
Figura 2.14 Radares (fatores sociais) de Fortaleza, Ceará.....	76
Figura 2.15 Radares (fatores sociais) de Florianópolis, Santa Catarina.....	77
Figura 2.16 Radares (fatores sociais) de Arapiraca, Alagoas.....	78
Figura 2.17 Radares (fatores tecnológicos) de Fortaleza, Ceará.....	82
Figura 2.18 Radares (fatores tecnológicos) de Campina Grande, Paraíba.....	82

Figura 2.19 Radares (fatores tecnológicos) de Alagoinhas, Bahia.....	83
Figura 2.20 Radares (infraestrutura e investimento público) de Fortaleza, Ceará.....	88
Figura 2.21 Radares (infraestrutura e investimento público) de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.....	89
Figura 2.22 Radares (infraestrutura e investimento público) de Timon, Maranhão.....	90
Figura 2.23 Radares (fatores aglomerativos e serviços às empresas) de Fortaleza, Ceará.....	96
Figura 2.24 Radares (fatores aglomerativos e serviços às empresas) de São Paulo (SP).....	97
Figura 2.25 Radares (fatores aglomerativos e serviços às empresas) de Timon, Maranhão.....	97
Figura 2.26 Radares (interações intra e interurbanas) de Fortaleza, Ceará.....	103
Figura 2.27 Radares (interações intra e interurbanas) de Vitória, Espírito Santo.....	104
Figura 2.28 Radares – interações intra e interurbanas de Timon, Maranhão.....	104
Figura 3.1 Regionais de Fortaleza.....	104
Figura 3.2 Competitividade local e seus fatores determinantes.....	107
Figura 3.3 Índice de competitividade local e suas dimensões – Centro.....	117
Figura 3.4 Índice de competitividade local e suas dimensões – Regional I.....	118
Figura 3.5 Índice de competitividade local e suas dimensões – Regional II.....	119
Figura 3.6 Índice de competitividade local e suas dimensões – Regional III.....	119
Figura 3.7 Índice de competitividade local e suas dimensões – Regional IV.....	120
Figura 3.8 Índice de competitividade local e suas dimensões – Regional V.....	121

Figura 3.9 Índice de competitividade local e suas dimensões – Regional VI.....	121
Mapa 3.1 Distribuição geográfica do índice de competitividade local geral para os bairros de Fortaleza.....	124
Figura 3.10 Índice de Competitividade Local e suas dimensões – Meireles.....	125
Figura 3.11 Índice de Competitividade Local e suas dimensões – Sabiaguaba..	125
Figura 3.12 Índice de Competitividade Local – Fatores Econômicos – Centro....	127
Figura 3.13 Índice de Competitividade Local – Fatores Econômicos – Regional I.....	128
Figura 3.14 Índice de Competitividade Local – Fatores Econômicos – Regional II.....	128
Figura 3.15 Índice de Competitividade Local – Fatores Econômicos – Regional III.....	129
Figura 3.16 Índice de Competitividade Local – Fatores Econômicos – Regional IV.....	130
Figura 3.17 Índice de Competitividade Local – Fatores Econômicos – Regional V.....	130
Figura 3.18 Índice de Competitividade Local – Fatores Econômicos – Regional VI.....	131
Mapa 3.2 Distribuição Geográfica do Índice de Competitividade Local – Fatores Econômicos – para os bairros de Fortaleza.....	133
Figura 3.19 Índice de Competitividade Local – Fatores Econômicos – Meireles.....	134
Figura 3.20 Índice de Competitividade Local – Fatores Econômicos – Pirambú.....	134
Figura 3.21 Índice de Competitividade Local – Fatores Sociais – Centro.....	136
Figura 3.22 Índice de Competitividade Local – Fatores Sociais – Regional I.....	137
Figura 3.23 Índice de Competitividade Local – Fatores Sociais – Regional II.....	138

Figura 3.24 Índice de Competitividade Local – Fatores Sociais – Regional III....	138
Figura 3.25 Índice de Competitividade Local – Fatores Sociais – Regional IV....	139
Figura 3.26 Índice de Competitividade Local – Fatores Sociais – Regional V.....	140
Figura 3.27 Índice de Competitividade Local – Fatores Sociais – Regional VI....	140
Mapa 3.3 Distribuição Geográfica do Índice Local de Competitividade – Fatores Sociais – para os bairros de Fortaleza.....	142
Figura 3.28 Índice Local de Competitividade – Fatores Sociais – Meireles.....	143
Figura 3.29 Índice Local de Competitividade – Fatores Sociais –Sabiaguaba....	143
Figura 3.30 Índice de Competitividade Local – Condições dos Domicílios – Centro.....	145
Figura 3.31 Índice de Competitividade Local – Condições dos Domicílios – Regional I.....	146
Figura 3.32 Índice de Competitividade Local – Condições dos Domicílios – Regional II.....	146
Figura 3.33 Índice de Competitividade Local – Condições dos Domicílios – Regional III.....	147
Figura 3.34 Índice de Competitividade Local – Condições dos Domicílios – Regional IV.....	148
Figura 3.35 Índice de Competitividade Local – Condições dos Domicílios – Regional V.....	148
Figura 3.36 Índice de Competitividade Local – Condições dos Domicílios – Regional VI.....	149
Mapa 3.4 Distribuição Geográfica do Índice de Competitividade Local – Condições dos domicílios – para os bairros de Fortaleza.....	151
Figura 3.37 Índice de Competitividade Local – Condições dos Domicílios – Estância (Dionísio Torres).....	152
Figura 3.38 Índice de Competitividade Local – Condições dos Domicílios –	152

Sabiaguaba.....	
Figura 3.39 Índice de Competitividade Local – Densidade de Mercado – Centro.....	154
Figura 3.40 Índice de Competitividade Local – Densidade de Mercado – Regional I.....	154
Figura 3.41 Índice de Competitividade Local – Densidade de Mercado – Regional II.....	155
Figura 3.42 Índice de Competitividade Local – Densidade de Mercado – Regional III.....	155
Figura 3.43 Índice de Competitividade Local – Densidade de Mercado – Regional IV.....	156
Figura 3.44 Índice de Competitividade Local – Densidade de Mercado – Regional V.....	156
Figura 3.45 Índice de Competitividade Local – Densidade de Mercado – Regional VI.....	157
Mapa 3.5 Distribuição geográfica do Índice de Competitividade Local – Densidade de Mercado – para os bairros de Fortaleza.....	159
Figura 3.46 Índice de Competitividade Local – Densidade de Mercado – Meireles.....	160
Figura 3.47 Índice de Competitividade Local – Densidade de Mercado – Pedras.....	160
Figura 4.1 Estrutura da cadeia produtiva Têxtil e de Confecções.....	259
Figura 4.2 Cadeia produtiva da indústria de Confecções.....	268
Mapa 5.1 Bairros classificados pela RAIS.....	288
Mapa 5.2 Participação dos bairros na geração de emprego de Fortaleza.....	294
Mapa 5.3 Participação dos bairros na geração de emprego de Construção civil.....	300

Mapa 5.4 Participação dos bairros na geração de emprego do Turismo.....	306
Mapa 5.5 Participação dos bairros na geração de emprego de Confecções.....	311
Mapa 5.6 Participação dos bairros na geração de emprego da Indústria Têxtil..	315
Mapa 5.7 Participação dos bairros na geração de emprego na Indústria Metalmeccânica.	320
Mapa 5.8 Participação dos bairros na geração de emprego de Suporte.....	324
Mapa 5.9 Participação dos bairros na geração de emprego do Ensino Superior.....	328
Mapa 5.10 Participação dos bairros na geração de emprego dos Produtos Alimentícios.....	333
Mapa 5.11 Participação dos bairros na geração de emprego de Suporte.....	338
Mapa 5.12 Participação dos bairros na geração de emprego de Diversos.....	342

LISTA DE QUADROS

Quadro 2.1 Relação de municípios considerados na análise.....	54
Quadro 2.2 - Competitividade macro de Fortaleza e das cinco capitais mais competitivas.....	108
Quadro 3.1 Situação hipotética.....	114
Quadro 3.2 Competitividade Local conforme a Regional.....	163
Quadro 4.1 Matriz de informações: vínculos, por setor, em Fortaleza e nas regiões de referência.....	192
Quadro 4.2 Matriz de informações: folha salarial, por setor, em Fortaleza e nas regiões de referência.....	192
Quadro 4.3 Matriz de informações: número de estabelecimentos, por setor, em Fortaleza e nas regiões de referência.....	195
Quadro 4.4 Matriz de informações: trabalhadores com Escolaridade Superior, por setor, em Fortaleza e nas regiões de referência.....	197
Quadro 4.5 Setores integrantes da cadeia produtiva da Construção Civil de Fortaleza.....	213
Quadro 4.6 Setores integrantes da cadeia produtiva da Construção Civil que não são representativos em Fortaleza, mas o são na Região Metropolitana ou no Ceará.....	214
Quadro 4.7 Setores integrantes da cadeia produtiva do Turismo de Fortaleza...	223
Quadro 4.8 Setores integrantes da cadeia produtiva do Turismo que estão fora de Fortaleza, mas na sua Região Metropolitana ou no Ceará.....	224
Quadro 4.9 Setores integrantes da cadeia produtiva da Educação Superior de Fortaleza.....	232
Quadro 4.10 Setores integrantes da cadeia produtiva de Educação Superior que estão fora de Fortaleza, mas na Região Metropolitana ou no Ceará.....	234
Quadro 4.11 - Setores integrantes da cadeia produtiva do Metalmeccânico em Fortaleza.....	242

Quadro 4.12 Setores integrantes da cadeia produtiva do Metalmeccânico que não são representativos em Fortaleza, mas o são na Região Metropolitana ou no Ceará.....	243
Quadro 4.13 Setores integrantes da cadeia produtiva do Metalmeccânico não representativos em Fortaleza, nem na Região Metropolitana, tampouco no Ceará.....	243
Quadro 4.14 Setores integrantes da cadeia produtiva da Saúde em Fortaleza.	253
Quadro 4.15 Setores integrantes da cadeia produtiva da Saúde sem representatividade em Fortaleza, representativos na RMF e no Ceará.....	254
Quadro 4.16 Setores integrantes da cadeia produtiva da Indústria Têxtil de Fortaleza.....	261
Quadro 4.17 Setores integrantes da cadeia produtiva da Indústria Têxtil não representativos em Fortaleza, mas que o foram na RMF e no Ceará.....	262
Quadro 4.18 Setores integrantes da cadeia produtiva de Confecções em Fortaleza.....	271
Quadro 4.19 Setores integrantes da cadeia produtiva de Confecções não representativos em Fortaleza, mas o foram na RMF e no Ceará.....	272
Quadro 4.20 Condições competitivas das cadeias produtivas selecionadas de Fortaleza.....	280
Quadro 5.1 Vínculos, por setores, nos bairros, nas regionais e em Fortaleza....	286
Quadro 5.2 Bairros que mais empregam e que menos empregam no conjunto de setores selecionados.....	291
Quadro 5.3 Os bairros que mais geraram empregos e os que menos alocaram mão de obra na Construção Civil.....	298
Quadro 5.4 Os bairros que mais geraram empregos e os que menos alocaram mão de obra no Turismo.....	304
Quadro 5.5 Os bairros que mais geraram empregos e os que menos alocaram mão de obra em Confecções.....	310
Quadro 5.6 Os bairros que mais geraram empregos e os que menos alocaram mão de obra na Indústria Têxtil.....	314

Quadro 5.7 Os bairros que mais geraram empregos e os que menos alocaram mão de obra na Metalmecânica.....	318
Quadro 5.8 Os bairros que mais geraram empregos e os que menos alocaram mão de obra na Saúde.....	323
Quadro 5.9 Os bairros que mais geraram empregos e os que menos alocaram mão de obra no Ensino Superior.....	327
Quadro 5.10 Os bairros que mais geraram empregos e os que menos alocaram mão de obra em Produtos Alimentícios.....	332
Quadro 5.11 Os bairros que mais geraram empregos e os que menos alocaram mão de obra em Suporte Empresarial.....	336
Quadro 5.12 Bairros que mais empregam e que menos empregam nos setores selecionados do agrupamento de Produtos Diversos.....	341
Quadro 5.13 Síntese do desempenho das Regionais nas cadeias e agrupamentos produtivos analisados.....	346
Quadro 7.1 Possibilidades e limitações competitivas setoriais de Fortaleza.....	454
Quadro 7.2 Possibilidades e limitações competitivas setoriais das Regionais de Fortaleza.....	456
Quadro 7.3 Possibilidades e limitações competitivas de Fortaleza, segundo o ponto vista dos entrevistados.....	459
Quadro 7.4 Megatendências globais – evidências e consequências.....	461

LISTA DE TABELAS

Tabela 2.1 Fatores macro de competitividade de Fortaleza e das três capitais mais competitivas (2012).....	54
Tabela 3.1 Índice de competitividade local – geral e por dimensão para as regionais de Fortaleza.....	116
Tabela 3.2 Índice de competitividade local geral para os bairros de Fortaleza – melhores e piores resultados.....	122
Tabela 3.3 Fatores econômicos – indicadores das Regionais de Fortaleza.....	126
Tabela 3.4 Índice de Competitividade Local – Fatores Econômicos – Regionais de Fortaleza.....	126
Tabela 3.5 Índice de Competitividade Local – Fatores Econômicos – para os bairros de Fortaleza – melhores e piores resultados.....	132
Tabela 3.6 Fatores Sociais – Indicadores das regionais de Fortaleza.....	135
Tabela 3.7 Índice de Competitividade Local – Fatores Sociais – Regionais de Fortaleza.....	136
Tabela 3.8 Índice de Competitividade Local – Fatores Sociais – para os bairros de Fortaleza – melhores e piores resultados.....	141
Tabela 3.9 Condições dos Domicílios – Indicadores das regionais de Fortaleza.....	144
Tabela 3.10 Índice de Competitividade Local – Condições dos Domicílios – Regionais de Fortaleza.....	144
Tabela 3.11 Índice de Competitividade Local – Condições dos Domicílios – para os bairros de Fortaleza – melhores e piores resultados.....	150
Tabela 3.12 Densidade de Mercado – Indicadores das regionais de Fortaleza..	153
Tabela 3.13 Índice de Competitividade Local – Densidade de Mercado – Regionais de Fortaleza.....	153
Tabela 3.14 Índice de Competitividade Local – Densidade de Mercado – para	158

os bairros de Fortaleza – melhores e piores resultados.....	
Tabela 4.1 Vínculos por setor econômico - Fortaleza (2005 e 2012).....	198
Tabela 4.2 Participação percentual de empregos de Fortaleza na Região Metropolitana (RMF), Ceará (CE) e Nordeste (NE), por setor de atividade econômica – 2012.....	200
Tabela 4.3 Quociente locacional (QL) de Fortaleza em relação à RMF (QL_{FRMF}), ao Ceará (QL_{FCE}) e ao Nordeste (QL_{FNE}) - 2005 e 2012.....	203
Tabela 4.4 Valor da remuneração média dos trabalhadores, por setor, para Fortaleza, RMF, Ceará e Nordeste – 2012.....	204
Tabela 4.5 Tamanho médio dos estabelecimentos em Fortaleza, Região Metropolitana, Ceará e Nordeste – 2012.....	205
Tabela 4.6 Proporção de empregados com Ensino Superior completo em Fortaleza, na Região Metropolitana, no Ceará e no Nordeste – 2012.....	207
Tabela 4.7 Total de vínculos da Cadeia Produtiva da Construção Civil de Fortaleza – 2012.....	215
Tabela 4.8 Total de vínculos da Cadeia Produtiva do Turismo de Fortaleza no ano de 2012.....	225
Tabela 4.9 Total de vínculos da Cadeia Produtiva da Educação Superior de Fortaleza.....	235
Tabela 4.10 Total de vínculos da Cadeia Produtiva do Metalmeccânico em Fortaleza.....	244
Tabela 4.11 Total de vínculos da Cadeia Produtiva da Saúde em Fortaleza.....	254
Tabela 4.12 Total de vínculos da Cadeia Produtiva da Indústria Têxtil de Fortaleza.....	263
Tabela 4.13 Total de vínculos da Cadeia Produtiva de Confeções em Fortaleza.....	273
Tabela 5.1 Total de vínculos, por regional, para o conjunto de setores selecionados.....	290
Tabela 5.2 Total de vínculos, por regional, para os setores selecionados da	296

Construção Civil.....	
Tabela 5.3 Total de vínculos, por regional, para os setores selecionados do Turismo.....	301
Tabela 5.4 Total de vínculos, por regional, para os setores selecionados de Confeccões.....	307
Tabela 5.5 Total de vínculos, por regional, para os setores selecionados da Cadeia Produtiva Têxtil.....	312
Tabela 5.6 Total de vínculos, por regional, para os setores selecionados da Cadeia Produtiva Metalmeccânica.....	316
Tabela 5.7 Total de vínculos, por regional, para os setores selecionados da Cadeia Produtiva da Saúde.....	321
Tabela 5.8 Total de vínculos, por regional, para os setores selecionados da Cadeia Produtiva do Ensino Superior.....	325
Tabela 5.9 Total de vínculos, por regional, para os setores selecionados de Produtos Alimentares.....	329
Tabela 5.10 Total de vínculos, por regional, para os setores selecionados do agrupamento produtivo de Suporte Empresarial.....	334
Tabela 5.11 Total de vínculos, por regional, para os setores do agrupamento de Produtos Diversos.....	339
Tabela 7.1 Fatores Macros de Competitividades de Fortaleza e das três capitais mais competitivas (2012).....	446
Tabela 7.2 Competitividade local, por regional e por dimensão.....	451

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 2.1 Índice de competitividade – macro (IC), valores iniciais.....	57
Gráfico 2.2 Índice de competitividade – macro (IC), valores finais.....	57
Gráfico 2.3 Índice de competitividade – fatores econômicos (IC-ECON), valores iniciais.....	66
Gráfico 2.4 Índice de competitividade – fatores econômicos (IC-ECON), valores finais.....	66
Gráfico 2.5 Índice de competitividade – fatores sociais (IC-SOCL), valores iniciais.....	75
Gráfico 2.6 Índice de competitividade – fatores sociais (IC- SOCL), valores finais.....	75
Gráfico 2.7 Índice de competitividade – fatores tecnológicos (IC-TECN), valores iniciais.....	80
Gráfico 2.8 Índice de competitividade – fatores tecnológicos (IC-TECN), valores finais.....	81
Gráfico 2.9 Índice de competitividade – infraestrutura e investimento público (IC-INFR), valores iniciais.....	87
Gráfico 2.10 Índice de competitividade – infraestrutura e investimento público (IC-INFR), valores finais.....	87
Gráfico 2.11 Índice de competitividade – fatores aglomerativos e serviços às empresas (IC-AGLO), valores iniciais.....	94
Gráfico 2.12 Índice de competitividade – fatores aglomerativos e serviços às empresas (IC-AGLO), valores finais.....	95
Gráfico 2.13 Índice de competitividade – interações intra e interurbanas (IC-INTE), valores iniciais.....	101
Gráfico 2.14 Índice de competitividade – interações intra e interurbanas (IC-INTE), valores finais.....	101

APRESENTAÇÃO

Este relatório atende ao objeto do Contrato N° 05/2014, assinado entre a Secretaria de Desenvolvimento Econômico da Prefeitura Municipal de Fortaleza (SDE/PMF) e a Associação Cearense de Estudos e Pesquisa (ACEP), processo N° P015324/2013 – PMF. Aqui são apresentados os resultados da análise da competitividade de Fortaleza, conforme plano de trabalho proposto em maio de 2014.

Mais especificamente, este é um relatório que procura responder as perguntas a seguir.

- 1) Quais as macropossibilidades e limitações competitivas de Fortaleza?
- 2) Quais as possibilidades e limitações competitivas locais de Fortaleza?
- 3) Quais as mesopossibilidades e limitações competitivas de Fortaleza?
- 4) Quais as possibilidades e limitações competitivas setoriais/locais de Fortaleza?
- 5) Qual a percepção dos principais atores locais sobre as possibilidades e limitações competitivas de Fortaleza?
- 6) Quais os caminhos a serem seguidos pela Gestão Pública Municipal 1)
Quais as Macro possibilidades e limitações competitivas de Fortaleza?

Para responder a tais perguntas, foram consideradas as diversas abordagens sobre o tema, tais como: competitividade e suas fontes geradoras, competitividade setorial e local, cadeias produtivas e sua dinâmica, competitividade urbana etc. São os fundamentos teóricos sobre os quais se assenta o estudo.

Em seguida, foram desenvolvidos 39 indicadores macro de competitividade, comparando Fortaleza com as capitais brasileiras e com os municípios nordestinos de mais de 150.000 habitantes. Seus resultados são bastante elucidativos e permitem posicionar Fortaleza no cenário nacional e regional, bem como identificar as macro possibilidades e limitações competitivas da Capital cearense.

Desagregando a análise, foram comparados os bairros e Regionais de Fortaleza, posicionando-os e identificando os fatores associados às possibilidades e

limitações competitivas de cada localidade da Capital Cearense. Nele, analisa-se a competitividade local do Município, comparando suas Regionais e bairros, por meio de 15 indicadores econômicos; sociais; de condições dos domicílios; e densidade de mercado, o que viabiliza a classificação das Regionais e dos bairros por nível de competitividade local.

Em seguida, foi abordada a questão da competitividade meso, onde a economia de Fortaleza foi desagregada em 676 setores e foram identificados os principais setores e cadeias produtivas estratégicas da Capital do Ceará.

O passo seguinte foi comparar a estrutura produtiva das Regionais e dos bairros de Fortaleza, na mesma desagregação feita na análise meso, por intermédio de indicadores de desempenho, onde foram identificados os setores relevantes de cada localidade, classificadas suas cadeias produtivas e indicadas suas respectivas concentrações. Isto possibilitou mapear a economia de Fortaleza, a correspondente divisão territorial do trabalho e as diferenças de especialização setorial das suas Regionais e dos seus bairros.

Complementando a análise, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa junto aos principais agentes e formadores de opinião, representantes de instituições da Administração Pública estadual e municipal; empresas; sindicatos patronais; associações empresariais; instituições de suporte empresarial etc., tendo em vista analisar suas percepções sobre o assunto e colher sugestões de ações com vistas a corrigir desvios que estejam prejudicando a competitividade de Fortaleza.

Finalmente, foram sintetizadas as possibilidades e limitações competitivas macro, meso e micro de Fortaleza, contextualizada a Capital Cearense na realidade global e foram propostas as políticas e ações a serem desenvolvidas pelo Poder Público Municipal, tendo em vista potencializar a competitividade de Fortaleza.

É uma forma de balizar orientações de políticas de desenvolvimento local e identificar vetores de desenvolvimento de Fortaleza, permitindo que a aplicação dos recursos públicos venha a ensejar melhores resultados e favorecer a criação de emprego e novas empresas, bem como a melhoria da qualidade de vida e um desenvolvimento sustentável.

1

FUNDAMENTOS

Neste capítulo apresentam-se, de forma sumária, os fundamentos da competitividade urbana e suas respectivas fontes geradoras, os quais são orientações para a elaboração de planos estratégicos de melhoria da competitividade de Fortaleza e de ações a serem implementadas, na perspectiva de ter setores estratégicos como vetor de desenvolvimento local.

1.1 Das vantagens comparativas às vantagens competitivas

David Ricardo, em sua obra “Princípios de Economia Política”, de 1817, afirmava que a competitividade dos países depende das “Vantagens Comparativas” (ocorrência de riquezas naturais, localização privilegiada, mão de obra capacitada, mão de obra barata etc.), e que cada um deles deveria se limitar a produzir aquilo no que fosse mais competitivo. Se todos os países assim procedessem, todos teriam ganhos, pois a produção e a disponibilidade de bens seriam superiores às que poderiam ser obtidas se cada país procurasse ser autossuficiente. De forma semelhante, este raciocínio também é válido para as relações comerciais entre as regiões de um mesmo país ou estado.

Mais recentemente, Michael Porter (1993) publicou a “A Vantagem Competitiva das Nações”, obra na qual considera que as “Vantagens Competitivas” se referem diretamente à competitividade das empresas atuantes em uma nação. Analisando diversos países do Primeiro Mundo, Porter (1993) identificou uma fonte principal de competitividade, que chamou de “clusters”, conceituados como concentrações setoriais e geográficas de empresas, ou seja, regiões delimitadas nas quais há grande número de empresas ligadas a uma mesma cadeia produtiva, ou a cadeias produtivas que se entrelaçam.

As cadeias produtivas estratégicas são analisadas como um mecanismo para a melhoria da competitividade das empresas e para o desenvolvimento local. Tais aglomerações representam redes de empresas ligadas pela mesma cadeia produtiva, fortemente interdependentes e intensamente articuladas. Essas empresas são integradas em sistemas colaborativos de produção e inovação, formando parcerias e alianças estratégicas. As empresas organizadas dessa forma estão em

melhor posição competitiva do que aquelas que atuam de forma isolada (ROSA, 2009, p. 25-29).

Em outras palavras, cadeias produtivas estratégicas representam aglomerados de atividades produtivas, localizadas em determinado espaço geográfico, que possuem grande afinidade econômica e são desenvolvidas por empresas autônomas de pequeno, médio e até de grande porte, intensamente articuladas, formando um ambiente de negócios onde prevalecem relações de recíproca confiança entre as distintas partes envolvidas (PORTER, 1999). É uma abordagem abrangente, incluindo as aglomerações produtivas que denotam alguns ingredientes de um arranjo produtivo local (APL)¹.

As cadeias produtivas estratégicas têm como elementos principais uma aglomeração produtiva localizada e diversos elementos dinâmicos que tornam a economia local mais competitiva. São estas as questões abordadas a seguir.

1.2 Cadeia produtiva e competitividade

Nas cadeias produtivas estratégicas, encontram-se, além das empresas do segmento específico, fornecedores importantes para estas organizações, clientes

¹ “Os APLs são aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais – com foco em um conjunto específico de atividades econômicas – que apresentam vínculos, mesmo que incipientes. Geralmente, envolvem a participação e a interação de empresas – estas podem ser desde produtoras de bens e serviços finais até fornecedores de insumos e equipamentos, prestadoras de consultoria e serviços, comercializadoras, clientes, entre outros – e suas variadas formas de representação e associação. Incluem também diversas outras instituições públicas e privadas voltadas para: formação e capacitação de recursos humanos (escolas técnicas e universidades); pesquisa, desenvolvimento e engenharia; política, promoção e financiamento”. (CASSIOLATO ; LASTRES, 2003, p.27).

Esse é um conceito abrangente que permite analisar os “APLs”, classificá-los e avaliar seu estágio de formação. Várias são as classificações de APLs, mas uma bem simples e abrangente é apresentada por Fernandes (2005, p. 91) que os classifica como:

- 1) APLs potenciais: são aqueles em que existe uma aglomeração no setor econômico, mas seus integrantes e a comunidade local ainda não tomaram conhecimento do APL; possuem pequena comunicação entre eles e quase nenhuma ação conjunta; não existe uma coordenação executiva, resultando em um conjunto pouco competitivo;
- 2) APL's estruturados: já possuem coordenação de ações, seus integrantes comunicam-se frequentemente, é conhecido interna e externamente; é um conjunto de empresas e instituições que formam uma articulação sistêmica que as torna mais competitivas.

Outra interessante forma de classificá-los e caracterizá-los segundo seu estágio evolutivo se encontra em GTZ. Manual de Moderação APL e Cadeias Produtivas. www.pronaf.gov.br/dater/arquivos/Manual_Formacao_Moderadores.pdf

exigentes e, usualmente, ainda há entidades de suporte, como instituições de capacitação de pessoal na área, associações profissionais, instituições de pesquisa e desenvolvimento (P&D) na área etc. Segundo Porter (1999), a proximidade deste conjunto cria vantagens locacionais, tanto mais fortes quanto maior seja a colaboração entre todos os integrantes, que tornam estas regiões privilegiadas quanto ao desenvolvimento. Assim, as melhores políticas públicas visando ao desenvolvimento econômico deveriam ser dirigidas prioritariamente ao fortalecimento das cadeias produtivas, uma vez que o potencial de impacto de tais políticas deverá ser mais significativo.

Sobre cadeia produtiva, CNI/SENAI/IEL (1998, *apud* ROSA, 1999, p. 26) considera que

[...] a estrutura produtiva associada a um bem ou serviço é constituída pelo encadeamento de diversas etapas de produção que estão compreendidas não só no âmbito de uma indústria do setor. Por exemplo, a matéria-prima utilizada por determinada fábrica pode já ter sido processada por outra indústria e o produto gerado por essa mesma fábrica vai alimentar outro processamento mais adiante. Neste sentido, um produto final percorre várias etapas de transformação em indústrias diferentes perfazendo toda a cadeia de valor até a sua finalização.

Enquanto isso, Borin (2006, p. 56) assume a ideia de que cadeia produtiva pode ser definida como

[...] encadeamento de atividades econômicas pelas quais passam e vão sendo transformados e transferidos os diversos insumos, incluindo desde as matérias-primas, máquinas e equipamentos, produtos intermediários até os finais, sua distribuição e comercialização. Resulta de e implica em crescente divisão do trabalho, na qual cada agente ou conjunto de agentes especializa-se em etapas distintas do processo produtivo. Uma cadeia produtiva pode ser de âmbito local, regional, nacional ou mundial.

Sob este aspecto, há uma intensiva relação entre cadeia produtiva e as relações insumo-produto de um determinado setor, podendo ou não se constituir em aglomerações territoriais, principalmente quando se considera que podem ser obtidas economias externas mediante a formação de uma rede de comunicação especializada entre agentes distantes. Sua utilidade nos estudos está em permitir a formulação de uma determinada cadeia e, a partir daí, avaliar como se encontra o

setor em determinada região, suas relações com setores complementares (fornecedores ou clientes) seus pontos de estrangulamento etc. A aglomeração territorial, por sua vez, poderá ser favorecida pela (e favorecer a) ocorrência de economias externas, de escala e de escopo.

Seus principais elementos são:

1) **Núcleo** - entidades que atuam no setor considerado. São empresas ou organizações públicas ou privadas que produzem o bem ou serviço oferecido pelo setor da aglomeração produtiva considerada.

2) **Fornecedores** - entidades que fazem fornecimentos de insumos, materiais, equipamentos, componentes etc. para o núcleo. A relação entre os fornecedores e o núcleo, em uma cadeia produtiva estruturada, é de interdependência, podendo o núcleo demandar mudanças e inovações dos fornecedores ou os fornecedores acompanharem as tendências e se anteciparem, oferecendo insumos ou equipamentos com conteúdo tecnológico que venha a inovar a produção do núcleo.

3) **Clientes** - entidades/pessoas que comprem produtos/serviços do núcleo. Também num APL estruturado, os clientes são agentes de mudanças e inovação, sinalizando os produtos desejados. Ao mesmo tempo, as entidades do núcleo poderão ser o agente de mudança, inovando em produtos que irão ao encontro das necessidades e exigências dos clientes.

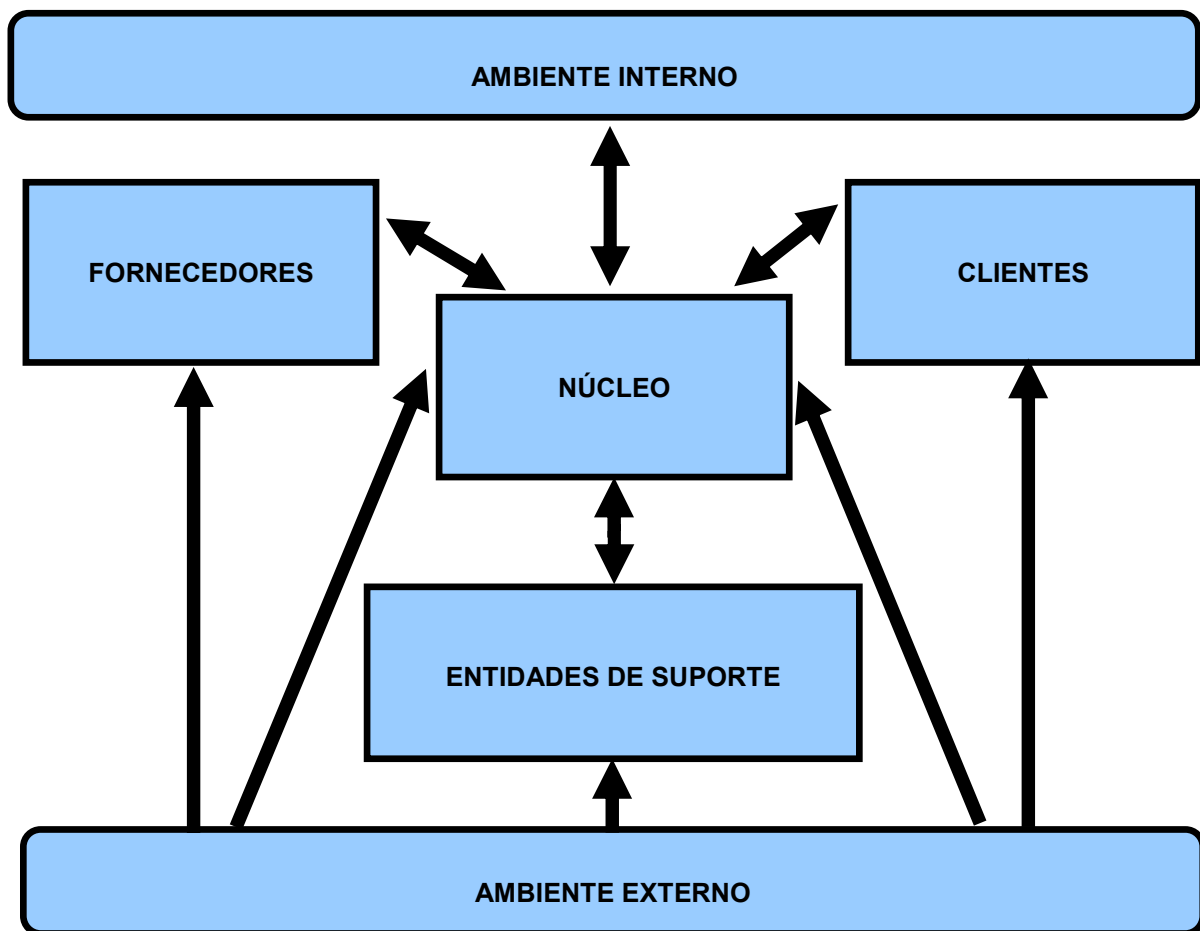
4) **Entidades de suporte** - entidades que oferecem serviços importantes para o núcleo (governo, agências de capacitação, entidades financeiras, entidades de classe, entidades normativas etc.); e

5) **Ambiente** (Meio) - a) **Externo** - tendências de comportamento da demanda, concorrência com outros produtores não locais, mudanças tecnológicas fora do núcleo, ampliação ou surgimento de mercados, produtos ou insumos substitutos etc.; b) **Interno** - infraestrutura, energia, pessoal capacitado disponível, nível de confiança, intensidade da comunicação/cooperação, conhecimento tácito, qualidade dos recursos

produtivos, visibilidade setorial e local etc. (ROSA; LÓCIO, 2009, p. 14-16).

A Figura 1.1 sintetiza uma representação dos elementos de uma cadeia produtiva.

Figura 1.1 - Cadeia produtiva e suas relações com o ambiente interno e externo



Fonte: Adaptado de Rosa e Lócio (2009, p. 15).

A título de ilustração, toma-se o mercado, mais especificamente a demanda, representada pelos clientes, como exemplo de elo dinamizador da competitividade de uma cadeia produtiva. Ora, a demanda está a depender, entre outras coisas, do nível e da variação da renda dos clientes (locais e externos). Níveis de renda mais elevados ou em expansão promovem um crescimento da

demanda pelos produtos. O aumento da demanda, todavia, é acompanhado por maiores exigências, em termos de qualidade, novos produtos etc. Isto representa maiores pressões sobre o núcleo da cadeia produtiva, no sentido de se adequar às exigências do mercado, a qual se sente na contingência de modificar e diversificar sua linha de produção, lançar produtos, fazer investimentos etc. Por outro lado, as modificações no padrão de consumo, aliadas aos bens substitutos, fazem com que o setor procure se adequar às exigências do mercado, reduzir custos, aumentar a produtividade e melhorar a qualidade de seus produtos. É a demanda influenciando o comportamento da produção. O importante disso é que incorporam mais vantagens competitivas as empresas que denotam maior sintonia com os consumidores, sejam eles locais, nacionais ou internacionais.

Uma das importantes consequências desse movimento é o aumento da demanda, das exigências de qualidade e das mudanças de características dos bens de produção, da matéria-prima, dos componentes e acessórios etc. Como resposta, os fornecedores fazem novos investimentos e ampliam sua produtividade, introduzem novos insumos, bens de produção etc.

Também, as próprias empresas se tornam mais ágeis, absorvendo inovações de produto, gestão, forma de interação com o mercado, procuram treinar mão de obra etc., melhorando as condições de utilização e a qualidade de seus recursos produtivos.

Outro rebatimento do processo é que as demandas que se verificam no local possibilitam maior interação das empresas com as instituições de apoio, ampliando a troca de informações e difusão de conhecimentos sobre produtos, processos etc.

Estes são efeitos desencadeados pelo mercado do produto principal da cadeia produtiva, os quais promovem os avanços tecnológicos nos demais segmentos. O desdobramento disso é que as empresas do núcleo poderão elevar a produtividade e reduzir custos, o que mais uma vez tende a elevar a demanda por seus produtos.

A sequência vista há pouco é um exercício que centraliza demanda como o elo dinamizador da cadeia produtiva. Esta dinâmica também pode ser determinada pelo lado da oferta, na medida em que os produtores e o ambiente empresarial do

setor possam aceitar desafios de produzir mais, mais barato, com melhor qualidade e maior conteúdo tecnológico. Com isto, pode-se identificar nichos de mercado ou expandir a participação no mercado. O processo também pode ter início no fortalecimento das instituições, no fornecimento de matéria-prima etc. O certo é que qualquer um dos segmentos da cadeia produtiva pode desencadear o processo sobre os demais.

Finalmente, deve-se advertir para o fato de que a concepção de cadeia produtiva vista há instantes é um importante passo para identificar o poder competitivo de uma determinada aglomeração produtiva. Cabe, ainda, complementar a análise, identificando os elementos dinâmicos e as fontes geradoras de competitividade da cadeia produtiva. Entre os destaques para esta questão encontram-se os fatores de desenvolvimento urbano, que dão força à aglomeração produtiva, os quais serão expostos a seguir.

1.3 Competitividade: do enfoque nacional e empresarial para o enfoque urbano

Conforme exposto no início deste capítulo, competitividade é um fenômeno cuja compreensão passa por uma evolução e é alvo de adaptações às novas realidades e questões estudadas.

No início, ficou associada às exportações, ou seja, um país ou região eram vistos como mais competitivos quando expressavam maior participação no mercado externo. Ora, o crescimento das exportações de um país pode ser motivado por alguma política de incentivo, o que torna artificial o fenômeno. Além do mais, as exportações não são o fenômeno da competitividade em si, e sim um efeito. Então, as exportações passaram a ser vistas como indicação do desempenho da economia, associado à competitividade revelada.

A segunda vertente de análise que ganhou destaque foi a produtividade e os custos unitários do produto. Para alguns estudiosos, a maior produtividade ou menores custos unitários são a motivação para um país ou região exportarem mais. Vieram, entretanto, outras observações, alertando para o fato de que produtividade e custos unitários ainda não são a competitividade, e sim, representavam suas causas, são indicativos de eficiência e estão associados à competitividade potencial.

Uma das questões que passaram a ganhar força na explicação do fenômeno competitividade foi a crescente mudança tecnológica, com o acúmulo de experiências e habilidades adquiridas ao longo do tempo, que propiciam às empresas o lançamento de produtos, a utilização de matérias-primas e materiais, a introdução de processos de produção e formas da gestão, a abertura de espaço em outros mercados, a preservação a fidelidade dos clientes, a ampliação da capacidade de entrega em prazos mais curtos, a manutenção de uma eficiente rede de atendimento ao cliente etc. Assim, a competitividade passou a ser vista pela óptica da capacitação. Portanto, empresas mais capacitadas tinham melhores condições de ter maior produtividade, menores custos e produtos de melhor qualidade. Consequentemente, teriam mais penetração no mercado. Com efeito, capacitação passou a ser a fonte geradora da competitividade e o atributo fundamental que habilita uma empresa a ser mais competitiva.

Outro aspecto que auferiu espaço na compreensão da competitividade foi a percepção dos níveis distintos em que se poderia analisar o fenômeno. Assim, constatou-se que poderiam ser analisadas as empresas individualmente, aferindo seu desempenho, eficiência e capacitação, assim como poderia o fenômeno ser examinado de maneira mais abrangente, considerando um conjunto de empresas que formam um determinado setor, ou a economia como um todo de um país ou região. São os níveis empresarial, estrutural e sistêmico da competitividade².

Uma das pesquisas pioneiras e de maior repercussão sobre a competitividade no Brasil foi o Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira (ECIB), realizado em 1992 e 1993, sob a coordenação dos profs. Luciano Coutinho e João Carlos Ferraz, envolvendo cerca de 80 especialistas. Foi um estudo encomendado pelo Ministério de Ciência e Tecnologia, por intermédio da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP).

Em um dos livros resultantes daquela pesquisa, Ferraz, Kupfer e Hagenauer (1995, p.3) admitem que competitividade é “a capacidade da empresa

² Analisando as questões acima expostas, percebe-se que a competitividade é um tema complexo, multidisciplinar e multidimensional, o que exige alguma delimitação quando da sua operacionalização. Uma discussão mais detalhada sobre a questão encontra-se em Ferraz, Kupfer e Hagenauer (1995), e Rosa *et al.* (2000).

formular e implementar estratégias concorrenciais, que lhe permitam ampliar ou conservar, de forma duradoura, uma posição sustentável no mercado”.

É uma concepção que parte das empresas para agrupá-las em setores e captar os fatores sistêmicos determinantes de suas condições competitivas. A partir desse estudo, surgiram diversas pesquisas com foco dos mais variados - empresas, setores, economia como um todo, localidades etc. (ALBUQUERQUE, 2000; ROSA *et al.*, 2000; SILVA: ROSA, 1995; BRITO, 2000; ROSA; FREIRE, 2001). Existem outros estudos sobre a competitividade de uma dada cadeia produtiva, considerando a localidade em que ele se insere e as relações entre os agentes locais de cooperação e concorrência, formando uma sinergia que proporciona um ambiente de inovação, a permanência e o crescimento da participação do setor e do local no mercado externo (BORIN, 2006; ROSA, 1999; BECATTINI, 1999; FERNANDES, 2005; ROSA; LÓCIO, 2009; ROSA, 2010). É a concepção dos arranjos produtivos estruturados (APL) como fonte geradora de competitividade regional ou local.

Mais recentemente, ganham destaque os estudos sobre a competitividade urbana, onde se procura posicionar grupos de cidades, identificando as mais competitivas (THE ECONOMIST, 2012; URBAN SYSTEMS, 2014; SALVADOR ALVES, 2008; WOJTOROWICJ, 2013; ANZSOG, 2013; FIGUEIREDO, 2013; SEBRAE/MG, 2012). Seus enfoques são a análise da cidade como um todo, considerando diversos indicadores, os quais podem ser classificados como indicadores de desempenho, eficiência e capacitação urbanos. Implicitamente, tais estudos fazem uma abordagem sistêmica, sem desagregar as fontes de competitividade em níveis estruturais e empresariais.

São estudos que consideram cidades competitivas aquelas que respondem, mais prontamente, às demandas relativas a infraestrutura urbana, qualidade de vida, integração social e política, e aos desafios engendrados pelo movimento de reestruturação econômica.

Seus propósitos são aferir a competitividade das cidades mediante a análise de indicadores da força econômica relativa de uma cidade e seu potencial em comparação com outras no sistema urbano. São análises reconhecedoras de que as cidades estão tentando melhorar seus fatores de localização, a fim de alcançar melhor posição competitiva, criando um ambiente favorável capaz de atrair não apenas investimentos, mas também negócios, talentos, clientes externos,

peessoas mais qualificadas, melhorar a infraestrutura, ampliar suas relações com outras cidades, tornar as organizações públicas e privadas flexíveis e também responsáveis etc. Seu desafio é focar seu desenvolvimento, não apenas em infraestrutura física, mas também em capital humano, melhorias na saúde pública, educação, poluição, violência e qualidade de vida etc.

Um ponto relevante é a ênfase no reconhecimento de que as cidades não possuem poder no isolamento e, portanto, precisam de uma rede local e regional bem estruturada, a fim de serem mais competitivas no mercado global, porque regiões são mais poderosas do que cidades para atrair investimentos.

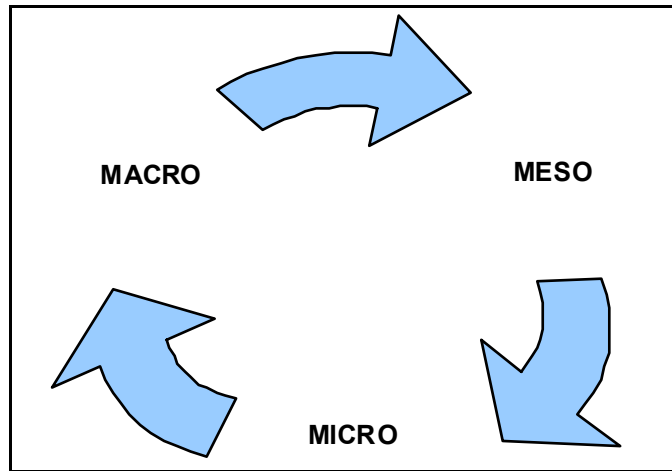
A partir do exposto, neste estudo, admite-se competitividade urbana como a capacidade de uma cidade atrair, de forma duradoura, empresas, pessoas, investimentos, e ter uma crescente participação nos mercados nacional e internacional.

Deve-se observar que o presente estudo vai além da abordagem dos recentes trabalhos sobre as cidades competitivas. Procedida a uma análise sistêmica, da forma como os outros fizeram, no entanto, também foi elaborada uma análise estrutural, a qual aprofunda os conhecimentos sobre a identificação dos setores e das cadeias produtivas estratégicas de Fortaleza.

Por outro lado, quando da conclusão da terceira etapa desta pesquisa, será desenvolvida uma análise a partir das unidades produtivas e suas respectivas localizações. É uma análise ampla da competitividade de Fortaleza, que considera a questão sistêmica, estrutural, empresarial e local. De tal sorte, agregam-se aqui os níveis empresarial e local em um nível micro, enquanto a análise estrutural será denominada de meso e a sistêmica de macro, conforme detalhamento no item seguinte.

Não se deve perder de vista a ideia de que são níveis desagregados apenas por uma questão didática, mas eles estão bem articulados e são interdependentes, ou seja: a expansão de fatores micro de competitividade poderão motivar a melhoria das condições meso ou macro, assim como os fatores macro ou meso poderão liderar o processo, dinamizando os fatores micro. A figura 1.2 resume a questão.

Figura 1.2 – Níveis macro, meso e micro de competitividade e sua interdependência



Fonte: Elaborado pelos autores com base em Almeida *et al.* 2003, p. 159-177.

1.4 Abrangência do trabalho

O ponto de partida deste estudo é o entendimento de que uma cidade competitiva é a que responde, mais prontamente, às demandas relativas a infraestrutura urbana, qualidade de vida, integração social e política, bem assim aos desafios engendrados pelo movimento de reestruturação econômica.

O ponto referido convida a fazer uma reflexão sobre o que vem a ser competitividade e quais suas principais fontes geradoras. Não é uma questão simples e assume-se a responsabilidade de que competitividade urbana é a capacidade de uma cidade atrair, de forma duradoura, empresas, pessoas, e investimentos, bem como ter uma crescente participação nos mercados nacional e internacional.

Nessa concepção, competitividade urbana é determinada por fatores dos mais variados e tem um caráter multidisciplinar. É um conceito abrangente e um dos pontos que merecem atenção para operacionalizá-lo é a identificação de suas fontes geradoras. De tal maneira, o estudo em discussão aborda a competitividade de Fortaleza em três níveis que se integram, formando um todo. Por questão didática, no entanto, o assunto será segmentado da forma delineada na sequência.

- 1) Nível Macro – representado pelas condições internas ao Município e externas às empresas que se constituem em externalidades. Abrange as

questões econômicas, sociais, de infraestrutura e de mercado para a empresa. No caso, serão considerados os aspectos: a) macroeconômicos (taxas de crescimento, salários etc.); b) determinantes de natureza político-institucional (políticas econômicas); c) condições sociais (educação, qualificação da força de trabalho); d) condições de infraestrutura (física, científica, tecnológica); e) forma de inserção da economia local no mercado nacional e internacional etc. É uma abordagem que sintetiza os fatores macro de competitividade de Fortaleza, comparando-a com outros municípios e posicionando-a, destacando suas vantagens e desvantagens competitivas. Guarda certa semelhança com os atuais estudos sobre competitividade urbana.

2) Nível Meso - considera a estrutura produtiva local e os elos das principais cadeias produtivas prevaletentes. São os fatores que, mesmo não sendo inteiramente controlados pelas empresas, estão parcialmente sob sua área de influência e caracterizam o ambiente competitivo que enfrentam diretamente. Dizem respeito: a) ao comportamento do mercado do produto (tamanho, grau de exigências em termos de qualidade etc.); b) à configuração da indústria (tendência do progresso tecnológico, esforço em P&D, relacionamento com fornecedores e clientes etc.); c) articulação entre o Estado e os agentes, no sentido de desenvolverem políticas de apoio específico, fomento à formação de estruturas e articulação dos processos de aprendizagem em nível da sociedade etc. Neste nível, analisa-se a estrutura econômica do Município, posicionando-a e comparando-a com a de outras localidades. Aqui será possível identificar e mapear as cadeias produtivas estratégicas de Fortaleza;

3) Nível Micro (também denominado Nível Local e Nível Setorial/local) - representado pelos fatores de competitividade das empresas e localidades, levando em conta os bairros onde elas estejam localizadas. Assim, a competitividade Micro abrange os aspectos Locais e Setoriais/locais, que serão abordados nos Capítulos 3 e 5, respectivamente. Refere-se aos aspectos localizados e que estão sob a esfera de decisão das próprias unidades produtivas que, por meio deles, procuram se diferenciar umas das outras. Agora, analisam-se as unidades

produtivas e os bairros onde elas se concentram, suas especialidades e a competitividade dos empreendedores locais, comparando-os e delimitando suas vantagens e desvantagens competitivas, que são eixos orientadores de decisões de investimento, expansão do emprego e fortalecimento da economia local. Nesta parte, é possível identificar as vantagens e desvantagens competitivas de Fortaleza nas dimensões setoriais e locais.

A integração dos três níveis da análise citada é a base para reunir as possibilidades e limitações de a Gestão Municipal influenciar a competitividade de Fortaleza, bem como propor medidas e ações correspondentes. A metodologia para a análise da competitividade do Município, nos três níveis mencionados, será proposta no item seguinte. Antes disso, porém, vale ressaltar que um estudo como este adota simultaneamente uma dimensão setorial e espacial, o que enseja uma relação sistêmica complexa, que se amplia na medida em que se considera haver interdependências entre os diferentes espaços, entre os distintos setores e entre os espaços e os setores. Embora se reconheça a existência desta complexidade, por uma questão didática, as dimensões espaço e setor serão trabalhadas separadamente e, na medida em que se torne necessário, serão feitas as devidas interações.

1. Sobre a Dimensão Espacial - duas unidades espaciais serão adotadas, uma é o Município, considerando Fortaleza e comparando-a com outros municípios do País, e outra são os bairros onde se localizam os principais setores, comparando-os e identificando suas potencialidades e fragilidades.
2. Sobre a Dimensão Setorial – serão consideradas a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) e a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), as quais permitirão identificar atividades socioeconômicas e localidades com maior e menor densidade dessas ações.

Em resumo, a integração dessas duas dimensões permitirá caracterizar a divisão inter-regional do trabalho que prevalece no Brasil, quando se compara Fortaleza com os demais municípios, e em Fortaleza, quando se comparam os bairros onde os setores estejam localizados, o que viabilizará a identificação do perfil setorial e do poder competitivo desses bairros. Desde então, pode-se mapear o Município e identificar os grupos de bairros com especializações e potenciais competitivos semelhantes e diferentes.